

A RELAÇÃO ENTRE VERBO E MARCAÇÃO DE CASO NA LÍNGUA YAWANAWÁ (PANO)

Aldir Santos de Paula *

0. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, procuraremos demonstrar que o conceito tradicional de transitividade que envolve a transferência de energia de um sujeito a um objeto, de forma que uma construção transitiva prototípica possua dois participantes em um evento, enquanto uma construção intransitiva apenas um participante é insuficiente para a delimitação do verbo no sistema de marcação de caso da língua Yawanawá.

A língua Yawanawá, geneticamente classificada como pertencendo à família Pano (Rodrigues, 1986: 81) é falada por povo de mesmo nome que habita em quatro aldeias: Nova Esperança, Escondido, Mutum e Tibúrcio, todas às margens do rio Gregório, Município de Tarauacá, Estado do Acre.

A ordem sintagmática predominante em construções com verbo transitivo é AOV, em que A é o agente da ação verbal, O é o paciente e V refere-se ao verbo. Consideramos tal ordem como básica tendo em vista a sua alta frequência de ocorrência em relação às demais e a possibilidade do reconhecimento dos constituintes frasais, através da ordenação dos elementos sintáticos e das marcas morfossintáticas indicadoras das funções que as palavras ocupam na frase.

A	O	V
01) takara-nɪn	βatʃi-ø	βaki-a
galinha-Erg	ovo-Abs	nascer-Pas ¹
‘a galinha botou ovo’		

A	O	V
02) nu-n-hin	matu-ø	tsiki-a
1p-Erg-Foc	2p-Abs	empurrar-Pas
‘nós empurramos vocês’		

Outra possibilidade de ocorrência com verbos transitivos é a ordem sintagmática OV, decorrente do apagamento do sujeito, desde que o mesmo seja de terceira pessoa do singular. Esta organização dos constituintes não parece estar relacionada à transitividade nem à valência verbal e é considerada como bem-formada. A ocorrência exclusiva com terceira pessoa pode ser justificada pela armação gramatical da língua baseada no eixo falante – ouvinte, sendo os mesmos marcados, o que não ocorre com a terceira pessoa, uma não-pessoa, nos termos do Benveniste (1991: 251), já que não opera no jogo social da comunicação.

* Universidade Federal de Alagoas.

¹ Serão utilizadas as seguintes abreviaturas: NP = Nome Próprio, Hum = Humano, Erg = Ergativo, Abs = Absolutivo, Pas = Passado, N.Pass = Não-passado, Neg = Negativo, Foc = Foco, AF = Ação Finalizada, Pl = Plural, Enf = Enfático, Instr = Instrumental, AnF = Ação Não Finalizada, Dir = Direcional, Con = Conectivo, Com = Comitativo.

	O	V
03)	kiʃi-ø	ʃua-i
	perna-Abs	cocar-AnF
	'(ele) está coçando a perna'	

	O	V
04)	βɪtʃi-ø	ʃatɪ-a
	pele-Abs	cortar-Pas
	'(ele) cortou a pele'	

Em construções intransitivas, a ordem SV é predominante. O que se observa é a ocorrência do verbo em posição final de enunciado, que pode ser vista nos exemplos em seguida:

	S	V
05)	iʃkuhu-ø-hu	nui-a
	japó-Abs-Pl	voar-Pas
	'os japós voaram'	

	S	V	
06)	atu-n	mɪhi-ø-hu	ku-a-hu
	3p-Pos	mão-Abs-Pl	queimar-Pas-Pl
	'suas mãos se queimaram'		

Uma ordem do tipo OAV é possível, tendo em vista o deslocamento do objeto para a posição inicial. Esta mudança de ordem, certamente, está associada à topicalização ou focalização do objeto.

	O	A	V		
07)	katsu	nami	turi-ø-hin	ɪ-n	pi-a
	veado	carne	pedaço-Abs-Foc	1s-Erg	comer-Pas
	'o pedaço de carne de veado foi comido por mim'				

	O	A	V
08)	ɪa-ø	puia-uma-nɪn	naka-a
	1p-Abs	braço-Neg-Erg	morder-Pas
	'eu fui mordido pela cobra'		

Como visto nos exemplos 07 e 08, o objeto da oração foi deslocado para a primeira posição. Tal deslocamento possibilitou uma operação de realce de um elemento que numa construção ativa tem normalmente pouco destaque. Considerando o que diz Keenan (1996: 243), que descreve uma construção passiva como aquela que 'topicaliza' um elemento que normalmente, numa construção ativa, não é visto como tópico e que com esta operação desloca o agente da ação para uma posição de objeto, estamos considerando tais construções como passivas.

Em resumo, podemos dizer que a língua Yawanawá possui, de acordo com a frequência de ocorrência, as seguintes ordens: AOV, SV, OV e OAV. As três primeiras ordens referem-se à construções ativas e a última, a uma construção passiva. Embora a ordem não seja fixa para os argumentos externos, o mesmo não pode ser dito em relação ao verbo, que sempre ocupa a posição final de enunciado, independentemente do tipo de

construção ativa ou passiva e da transitividade verbal, o que caracteriza a língua como sendo de verbo final.

2. A QUESTÃO DA TRANSITIVIDADE

Os verbos jogam um papel importante na morfossintaxe da língua e o conceito de transitividade é importante na caracterização dos mesmos. Tradicionalmente, a transitividade envolve sentenças em que os eventos descritos envolvem a transferência de energia de um sujeito a um objeto (Hopper & Thompson, 1980: 251), de forma que uma construção transitiva prototípica envolve dois participantes em um evento, enquanto que uma construção intransitiva envolve apenas um participante. A partir dessas reflexões, podemos classificar, inicialmente, os verbos da língua em transitivos e intransitivos e a relação entre transitividade e marcação de caso e, portanto, direta ou indiretamente com agentividade. Entretanto, esta classificação será insuficiente para cobrirmos a totalidade dos verbos da língua, pois alguns verbos tipologicamente intransitivos, tendo em vista que não possuem um objeto como complemento e nenhuma ação foi transferida de um participante a outro, terão sujeitos marcados pelo caso ergativo. A maior dificuldade decorre do fato de estabelecer que tipo de atividade ou evento pode ser considerado transitivo, em construções em que não existe nenhum agente ou paciente envolvidos. Por isso, a separação clássica entre transitivos e intransitivos não dá conta de todo o fenômeno envolvido com a questão, como pode ser observado em seguida:

09) kama-nɛn tsau-ti βɛtʃi kaua-na
cachorro-Erg sentar-Instr cima passar-Dir
'o cachorro passou por cima do banco'

10) nu-n ika-hu mɛra-kai
1p-Erg morada-Pl entrar-AnF
'nós estamos entrando na maloca'

Uma possibilidade de análise para estas orações seria, baseado em Givón (1984: 98), classificar o verbo como transitivo, através de um fenômeno que o autor chama de 'extensão metafórica'², o que justificaria, portanto, a marcação ergativa. Nesta análise, 'tsauti' e 'ikahu' seriam considerados objetos diretos, por extensão metafórica. Como diz o autor, o processo é considerado um afastamento da transitividade prototípica, mas para resolver a questão, Givón propõe que a transitividade deva ser vista através de uma abordagem gradiente, tendo em vista que depende de mais de uma propriedade para ser estabelecida. Este padrão de verbos transitivos metaforicamente estendidos pode ser atribuído a verbos que envolvem processos de percepção, cognição e memória e possuam um sujeito experimentador (preferencialmente agente) e um objeto (preferencialmente paciente). Tal ocorrência também se verifica em outras línguas pano, como Marubo (Costa, 1994: 205) e Shipibo-Konibo (Valenzuela, 2003: 579).

Esta perspectiva semântica da transitividade vem se somar a perspectiva morfossintática, a partir das quais serão definidas as relações gramaticais que se estabelecem nas orações, de grande relevância para o sistema de marcação de caso da

² 'Metaphoric extension' no inglês.

língua. Desta forma, um verbo transitivo prototípico é descrito como uma relação entre dois participantes, sendo que um dos participantes, o agente, causa uma mudança física e observável no segundo, o paciente. Estas relações podem ser estabelecidas prototipicamente através das relações gramaticais de sujeito e objeto direto e são marcadas na língua Yawanawá através do caso ergativo e absolutivo, respectivamente. Os verbos transitivos podem ser subcategorizados em ditransitivos, quando possuem dois SN que funcionam como objeto. Na língua Yawanawá, parece não existir nenhuma diferença morfológica entre os dois objetos, processo semelhante ao que ocorre em Shipibo-Konibo (Valenzuela, 2003: 346) e em Matses (Fleck, 2003: 822).

Um verbo intransitivo prototípico possui apenas um argumento e podem ser subcategorizados em ativos e estativos. Os verbos intransitivos ativos estão associados a ações, movimento ou mudança de posição e codificam o papel semântico de agente. Nesta classe incluem-se verbos como cantar, brincar, chorar, nadar, correr, dançar. Os verbos intransitivos estativos descrevem estados permanentes, posição do corpo ou mudança de estado, tais como morrer, dormir, apodrecer, sentar (estar sentado).

3. MARCAÇÃO DE CASO

O sistema de marcação de caso da língua é do tipo ergativo-absolutivo. O caso ergativo é realizado através de um morfema sufixal {-n} ou um de seus alomorfes, que se junta ao nome que ocupa o núcleo do SN com função de agente numa construção sintática com verbo transitivo. O caso absolutivo representado por {-∅}, tendo em vista que não se realiza foneticamente, ocorre quando um nome em posição nuclear de SN tem a função de sujeito de verbo intransitivo ou de paciente de verbo transitivo.

- | | | | |
|-----|------------------------------------|----------------|---------------|
| 11) | ʃɛkɛtɛʃkɛ-n | niu-∅ | ʃɛtɛ-a |
| | NP-Erg | flor-Abs | cheirar-Pas |
| | ‘ʃɛkɛtɛʃkɛ cheirou a flor’ | | |
| 12) | kama-nɛn | nukɛβɛnɛ-∅ | naka-∅ |
| | cachorro-Erg | homem-Abs | morder-N.Pass |
| | ‘o cachorro está mordendo o homem’ | | |
| 13) | βakɛ-hu-∅ | rama | pakɛ-a |
| | menino-Hum-Abs | agora | cair-Pas |
| | ‘o menino caiu neste instante’ | | |
| 14) | pani-∅ | uasɛnɛ-a-ma | |
| | rede-Abs | rasgar-Pas-Neg | |
| | ‘a rede não rasgou’ | | |

A marcação de caso pode ser entendida como os vários mecanismos utilizados por uma língua para codificar as funções gramaticais sintático-semânticas dos nominais de uma sentença com o verbo e pode se expressar através de mecanismos lingüísticos. Para Givón (1984: 136), os diferentes sistemas de marcação constituem soluções

tipológicas ao mesmo nexos funcional entre o papel semântico e a função pragmática dos argumentos de uma oração. Uma variedade de fenômenos linguísticos pode estar associada com a marcação de caso e, portanto, estreitamente ligados às relações gramaticais, semânticas ou pragmáticas.

De acordo com Dixon (1994: 6), todas as línguas distinguem as sentenças intransitivas das transitivas. A primeira envolve um verbo e um sintagma nominal, enquanto a segunda envolve um verbo e dois ou mais sintagmas nominais. Cada língua, portanto, funciona em termos de três primitivas relações sintático - semânticas: A, S, P (Comrie, 1978) ou A, S, O, de acordo com Dixon (1994). S corresponde ao argumento monovalente de um verbo intransitivo, enquanto A e O se referem, nas cláusulas transitivas, ao argumento agenciador da ação e O, ao argumento afetado ou paciente.

Existem dois sistemas básicos de marcação de caso: o nominativo-acusativo e o ergativo-absolutivo. Um sistema de marcação de caso do tipo nominativo-acusativo trata A e S da mesma forma e O de forma distinta. Um sistema ergativo-absolutivo identifica S e O com a mesma marca morfológica, ao passo que A é marcado diferentemente. A partir dessas relações podemos dizer que as línguas nominativo/acusativas expressam A e S no caso nominativo, enquanto que as línguas ergativo-absolutivas expressam A no caso ergativo. Geralmente, a função S não é morfológicamente marcada, tendo em vista que, ocorrendo como único argumento externo de um verbo intransitivo, não concorre com outros constituintes. Em um sistema ergativo-absolutivo, entretanto, em que a necessidade de estabelecer distinções entre os argumentos verbais, torna-se necessário a marcação morfológica de A ao mesmo tempo em que O é o termo não-marcado.

O sistema ergativo-absolutivo, nos estudos tipológicos, é visto como complementar ao sistema nominativo-acusativo (Dixon, 1994: 1). Isto deve-se ao fato de que com o passar do tempo, estes sistemas vão alterando gradativamente a marcação de caso, o que faz com que S e A recebam o mesmo tratamento, sendo marcados pelo caso nominativo, ao passo que O, em oposição a S e A, é marcado como acusativo. Os dois sistemas aparecem em muitas línguas, resultando em vários tipos de cisões condicionadas pela natureza semântica de um ou de vários componentes obrigatórios da oração: nomes, verbos, TAM (Tempo, Aspecto e Modo) ou ainda pela distinção entre orações principais e coordenadas. (Dixon, 1994: 2).

15) $\beta ak\dot{x}-hu-n\dot{x}n$ $kap\dot{x}-\emptyset$ $r\dot{x}t\dot{x}-a$
criança-Hum-Erg jacaré-Abs matar-Pas
'o menino matou um jacaré'

16) $\dot{x}-n$ $i\dot{u}ma-\emptyset$ $pi-pai$
1s-Erg peixe-Abs comer-Des
'eu quero comer peixe'

17) $m\dot{x}-n-m\dot{x}n$ $katsu-\emptyset$ $r\dot{x}t\dot{x}-a$
2s-Erg-Int veado-Abs matar-Pas
'você matou um veado?'

As orações 15, 16 e 17 obedecem à estrutura esperada para orações com verbo transitivo dentro de um sistema de marcação ergativa, pois todos os verbos são classificados como transitivos. O mesmo pode ser dito em relação aos exemplos 18, 19 e 20, em seguida, em que os verbos são intransitivos ativos, pois, certamente, existe

algum tipo de controle sobre a ação exercida pelo sujeito e neste caso **Sa** funcionaria como **A**, sendo marcado pelo caso ergativo.

- 18) ɛ-n tʃai itʃu-a
 1p-Erg longe correr-Pas
 ‘eu corri para longe’
- 19) nu-n munu-tiru
 1p-Erg dançar-AF
 ‘nós dançamos’
- 20) mi-n itʃa-pa tupin-tiru
 2s-Erg muito-Enf nadar-AF
 ‘você nada muito’

Entretanto, o mesmo processo não se observa quando o sujeito do verbo intransitivo ativo é um pronome de terceira pessoa. Neste caso, como nos exemplos 21 e 22, o verbo intransitivo ativo não aciona a marcação ergativa, ficando o sujeito identificado como **So**, o que pode estar relacionado à uma cisão no sistema de marcação de caso da língua.

- 21) a-ø-hin munu-tiru
 3s-Abs-Foc dançar-AF
 ‘ele dança’
- 22) a-ø-hin itʃa-pa tupin-i-tiru
 3s-Abs-Foc muito-Enf nadar-AnF-AF
 ‘ele sempre nada muito’

A diferença de marcação de caso entre a primeira e segunda pessoas em contraste com a terceira pessoa do singular pode ser vista ainda nos seguintes exemplos:

- 23) nu-n-hin ʃuʃu-tiru
 1p-Erg-Foc brincar-AF
 ‘nós brincamos’
- 24) aa-ø-hin ʃuʃu-tiru
 3s-Abs-Foc brincar-AF
 ‘ele brincou’

Podemos concluir que na terceira pessoa do singular os verbos intransitivos ativos não acionam a marcação ergativa, tendo, portanto, uma marcação absoluta. O mesmo tratamento dado aos SN que desempenham função de S nos verbos intransitivos estativos, sendo identificados como **So**, como pode ser visto nos exemplos abaixo:

- 25) auin-ø-hu man na-a
 mulher-Abs-Hum já morrer-Pas
 ‘a mulher já morreu’

- 26) aa-ø-hu-hu itʃa-pa uʃa-ø-hu
 3s-Abs-Hum-Pl muito-Enf dormir-N.Pas-Pl
 ‘eles dormem muito’
- 27) ʃɪia-ø inun paiu-ø-βɪ tsau-ti
 NP-Abs Con NP-Abs-Com sentar-Instr
- kamaki tsau-a-hu
 sobre sentar-Pas-Pl
 ‘Sheiá e Paiú estavam sentadas no banco’

4. CISÃO NO SISTEMA DE MARCAÇÃO DE CASO

A língua Yawanawá utiliza elementos morfofonológicos como estratégia para a marcação do caso ergativo. A atribuição dos papéis semânticos dos argumentos verbais está diretamente relacionada aos tipos semânticos dos verbos. O padrão ergativo se manifesta, portanto, pela natureza da relação entre os verbos e seus argumentos. Os verbos podem ser classificados, como dito anteriormente, de acordo com o eixo transitividade-intransitividade, em transitivos e em intransitivos ativos e estativos.

Segundo as convenções propostas por Dixon (1994) e tomando por base a natureza semântica do verbo, a língua Yawanawá codifica **A** como sujeito de verbos transitivos; **O** como objeto direto de orações transitivas e em relação aos verbos intransitivos: **Sa** para sujeitos de verbos intransitivos ativos e **So** para sujeitos de verbos intransitivos estativos. Desta forma, **A** se parece semanticamente com **Sa**, no sentido de que ambos exercem controle sobre a atividade realizada. **So** se parece com **O**, tendo em vista que são afetados pela atividade realizada.

Tais afirmações afetarão o sistema (pro)nominal da língua, tendo em vista que a marcação de caso está de acordo com o significado prototípico do verbo e os argumentos verbais, por consequência, são marcados com base em sua função semântica. Entretanto, estas regras não se aplicam ao SN que desempenha função de sujeito de um verbo intransitivo ativo quando representado pela terceira pessoa, tanto no sistema nominal quanto no pronominal. Neste caso, a marcação é idêntica à do SN que funciona como sujeito de verbo intransitivo estativo, ou seja **So**, como nos exemplos em seguida:

- 28) aua-ø uaka mɪra pakɪ-a
 anta-Abs água dentro cair-Pas
 ‘a anta caiu no rio’
- 29) a-ø-hu-hu munu-tiru-hu
 3s-Abs-Hum-Pl dançar-AF-Pl
 ‘eles dançaram’

A cisão no sistema de marcação de caso da língua condicionado pela natureza semântica do verbo vai atingir apenas as formas de terceira pessoa, ocasionado um sistema de sujeito cindido (‘split-S’), nos termos de Dixon (1994). O sub-sistema de sujeito cindido realiza-se através de regras sintáticas relacionadas a um esquema prototípico. A marcação de S_a e S_o baseia-se no significado prototípico do verbo:

S_a , quando o referente de S controla a ação; e, S_o caso não exista nenhum controle (Dixon, 1994: 78 -79). Portanto, no sistema ergativo, existe a oposição entre S / O e A; no sistema nominativo, S / A opõem-se a O; e no subsistema sujeito cindido, temos a oposição entre S_a / A e S_o / O .

A língua Yawanawá, portanto, possui um sistema de sujeito cindido, resultante da divisão entre S_a e S_o , quando o SN que ocupa a função de S é preenchido por um (pro)nome correspondente à terceira pessoa, o que significa dizer que o mesmo não participa do eixo falante-ouvinte, sendo apenas um referente externo ao processo comunicativo.

30)

	A / S_a	O / S_o	V
a)	nu-n-hin 1p-Erg-Foc		ʃuʃu-tiru brincar-AF
b)	nukɛβɛnɛ-n homem-Erg	kari-ø batata-Abs	βana-ʃinna plantar-Pas 1
c)		aa-ø-hin 3s-Abs-Foc	ʃuʃu-tiru brincar-AF

- a) ‘nós brincamos’
- b) ‘o homem plantou batata’
- c) ‘ele brincou’

Pelos exemplos acima, podemos ver que A e S_a recebem a marca de ergatividade, através do morfema {-n}; enquanto O e S_o se comportam de maneira semelhante ao serem marcados absolutamente através de -ø. Tais realizações podem ser justificadas tomando por base uma hierarquia de agentividade, em que o falante impõe sua visão de mundo e se comporta como principal agenciador dos eventos, o ouvinte vem logo em seguida; e, por último, uma terceira pessoa, não diretamente envolvida no processo comunicativo. Desta forma, baseados em Dixon (1994: 85), podemos escalonar a primeira e a segunda pessoas como detentoras de maior agentividade, situando-os como elementos mais à esquerda da escala, enquanto a terceira pessoa e os nomes, com maior probabilidade de funcionarem como pacientes, situam-se mais à direita.

1	2	3	Nomes
---	---	---	-------

Figura 01 - Hierarquia nominal

De forma diferente de outras línguas Pano (Cf. Valenzuela, 2000 e Ferreira, 2001), a língua Yawanawá parece exibir um sistema em que a primeira e segunda pessoas apresentam maior potencial agentivo que a terceira pessoa e os nomes. Salvo engano, a distinção, adotada por Dixon (1994), entre nomes próprios e comuns e entre animados e inanimados, parece irrelevante para a análise da língua em questão.

5. CONCLUSÃO

Como dito anteriormente, os verbos jogam um papel importante na morfossintaxe da língua e, portanto, o papel da transitividade, além dos aspectos morfossintáticos, é

importante na caracterização dos mesmos. Como ficou demonstrado, a separação clássica entre verbos transitivos e intransitivos não dá conta de todo o fenômeno envolvido com a questão, sendo insuficiente para cobrir a totalidade dos verbos da língua, tendo em vista que alguns verbos considerados tipologicamente intransitivos têm sujeitos marcados pelo caso ergativo.

Por conta desta questão, em Yawanawá, um verbo transitivo prototípico é descrito como uma relação entre dois participantes, sendo que um dos participantes, o agente, causa uma mudança física e observável no segundo, o paciente. Estas relações podem ser estabelecidas prototipicamente através das relações gramaticais de sujeito e objeto direto e são marcadas na língua Yawanawá através do caso ergativo e absoluto, respectivamente, enquanto os verbos intransitivos são subcategorizados em ativos e estativos. Os verbos intransitivos ativos estão associados a ações, movimento ou mudança de posição e codificam o papel semântico de agente e os verbos intransitivos estativos descrevem estados permanentes, posição do corpo ou mudança de estado.

A língua Yawanawá codifica, baseada na natureza semântica do verbo, **A** como sujeito de verbos transitivos; **O** como objeto direto de orações transitivas e em relação aos verbos intransitivos: **Sa** para sujeitos de verbos intransitivos ativos e **So** para sujeitos de verbos intransitivos estativos. Desta forma, **A** se parece semanticamente com **Sa**, no sentido de que ambos exercem controle sobre a atividade realizada. **So** se parece com **O**, tendo em vista que são afetados pela atividade realizada. Estas regras, entretanto, não se aplicam ao SN que desempenha função de sujeito de um verbo intransitivo ativo quando representado pela terceira pessoa, tanto no sistema nominal quanto no pronominal, o que ocasiona uma cisão no sistema de marcação de caso da língua condicionado pela natureza semântica do verbo vai atingir apenas as formas de terceira pessoa, ocasionado um sistema de sujeito cindido, nos termos de Dixon (1994). A língua Yawanawá, portanto, possui um sistema de sujeito cindido, resultante da divisão entre Sa e So, quando o SN que ocupa a função de S é preenchido por um (pro)nome correspondente à terceira pessoa.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral I**. Campinas: Pontes, 1991.
- CARVALHO, Carmem Teresa Dorigo. **A decodificação da estrutura frasal em Matsés (Pano)**. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- CHUNG, Sandra e TIMBERLAKE, Alan. “Tense, aspect and mood”. In. SHOPEN, Timothy (Ed.). **Language Typology and Syntactic Description**. Vol. III. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 202-258.
- COMRIE, B. Ergativity. In: Lermann P. Winfred (Ed.). **Syntatic typology: studies in the phenomenology of language**. Londres: University of Texas Press, 1978. p. 329-394.
- _____. **Language universals and linguistic typology**. Oxford: Basil Blackwell, 1989.
- COSTA, Raquel G. R. Manifestaciones de la ergatividad em Marubo (Pano). **Actas de las II Jornadas de Linguística Aborígen**. Buenos Aires, 1994. p. 205-23.
- _____. Aspects of ergativity in Marubo. **Journal of Amazonian Language** 1 (2): 50-103, 1997.
- _____. **Padrões rítmicos e marcação de caso em Marubo (Pano)**. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- _____. **Aspectos da fonologia Marubo (Pano): uma visão não-linear**. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- DE PAULA, Aldir Santos de. **A língua dos índios da aldeia Barão: aspectos fonológicos e morfológicos**. (Dissertação de Mestrado). Recife: UFPE, 1992.
- _____. Aspectos da ergatividade na língua Poyanáwa (Pano). In. **Anais do II Congresso Internacional da ABRALIN**. Fortaleza: UFCE, 2001.
- _____. **A língua dos índios Yawanawá do Acre**. (Tese de Doutorado) Campinas, UNICAMP, 2004.
- DIXON, R.M.W. **Ergativity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- DORIGO, Carmen Teresa. Las marcas del tiempo y aspecto en la lengua Matsés (Pano). **Actas de las II Jornadas de Linguística Aborígen**. Buenos Aires, 1994. p. 235-49.
- DOWING, Pamela e NOONAN, Michael. **Word order in discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- FERREIRA, Vitória Regina Spanghero. **Língua Matis (Pano): uma análise fonológica**. (Dissertação de Mestrado). Campinas. UNICAMP, 2000.

- FERREIRA, Rogério Vicente. Um ensaio sobre a ergatividade na língua Matis (Pano). **Actas do I Congresso de Linguas Indígenas de Sudamérica**. Lima, 2000. p. 259-340.
- _____. **Língua Matis**: aspectos descritivos da morfossintaxe. (Dissertação de Mestrado). Campinas: IEL, 2001.
- FLECK, David William. **A grammar of Matses**. (Tese de Doutorado). Houston: University of Oregon, 2003.
- GIVÓN, T. **Syntax**: a functional-typological introduction. Vol. I. Amsterdam: John Benjamins, 1984.
- _____. **Syntax: a functional-typological introduction**. Vol. II. Amsterdam: John Benjamins, 1990.
- HOPPER, Paul J. e THOMPSON, Sandra A. Transitivity in grammar and discourse. **Language** 56 (2): 251-99, 1980.
- _____. The discourse basis for lexical categories in universal grammar. **Language** 60 (4): 703-52. 1984.
- KEENAN, Edward L. Passive in the world's languages. In. SHOPEN, Timothy (Ed.). **Language Typology and Syntactic Description**. Vol. I. Cambridge: CUP, 1996.
- KIBRIK, A.E. As línguas semanticamente ergativas na perspectiva da tipologia sintática geral. [Tradução de Lucy Seki]. **Cadernos de Estudos Lingüísticos** 18: 13-36. Campinas: UNICAMP, 1990.
- KITTILÄ, Seppo. Remarks on the basic transitive sentence. **Language Sciences** 24: 107-130, 2002.
- PAYNE, Doris L. Degrees of inherent transitivity in Yagua verbs. **IJAL** 51(1): 19-37, 1985.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas Brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.
- SEKI, Lucy. Kamaiurá (Tupi-Guarani) as an active-stative language. In. D.L. Payne (Org.) **Amazonian linguistics**: studies in Lowland South American languages. Austin: University of Texas Press, 1990.
- VALENZUELA, Pilar. Ergatividade escindida en algunas lenguas pano. Texto apresentado no **49º Internacional dos Americanistas**. Quito, 1997. 45p. ms.
- _____. Ergatividade escindida en Wariapano, Yaminawa y shipibo-konibo. In: VAN DER VOORT, Hein e VAN DE KERKE, Simon. **Ensaio sobre linguas de las tierras bajas de Sudamérica**: contribuciones al 49º Congreso Internacional de Americanistas. Quito, 2000.

_____. **Transitivity in Shipibo-Konibo grammar**. (Tese de Doutorado). Oregon: University of Oregon, 2003.

WHALEY, Lindsay J. **Introduction to typology: the unity and diversity of language**. London: SAGE, 1997.

WIERZBICKA, Anna. What's a noun? (or how do nouns differ in meaning from adjectives?). **Studies in Languages** 10(2): 353-389, 1986.